

DOI: <https://doi.org/10.36470/famen.2025.r6a42>

Recebido em: 03/08/2025

Aceito em: 16/09/2025

QUEBRANDO PARADIGMAS: A DIALÉTICA COMO CAMINHO FORMATIVO NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO FORMAIS

CHALLENGING PARADIGMS: DIALECTICAL METHOD AS A FORMATIVE APPROACH IN NON-FORMAL EDUCATIONAL SETTINGS

Maria Leane dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0707-2625>

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4373017276233590>

Mestranda em Educação Profissional

Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: profleanesantos@gmail.com

Jose Araujo Amaral

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8678-4798>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7901529038477084>

Doutor em Biotecnologia

Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: jose.amaral@ifrn.edu.br

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a relevância da abordagem dialética como fundamento teórico-metodológico na formação humana desenvolvida em espaços educativos não formais. Partindo da crítica à centralização histórica da escola como único *locus* legítimo de saber, analisa-se a potência formativa de práticas populares construídas em coletivos culturais, associações comunitárias e movimentos sociais. Defende-se que tais experiências, atravessadas por conflitos, resistências e vínculos solidários, são espaços privilegiados de produção de conhecimento e de fortalecimento da consciência crítica. A perspectiva dialética, ancorada na totalidade, na historicidade e nas contradições sociais, permite compreender a educação como prática social transformadora. Autores como Freire, Gramsci, Marx e Vigotski fundamentam o percurso teórico adotado, sustentando a tese de que os processos formativos devem superar a lógica tecnicista e instrumental, reconhecendo a centralidade da *práxis* na constituição de sujeitos históricos. Ao romper com o paradigma da neutralidade pedagógica, o artigo afirma os espaços não formais como territórios legítimos de aprendizagem, resistência e emancipação.

Palavras-chave: Dialética; Educação não formal; formação humana; saberes populares.

ABSTRACT

This article reflects on the relevance of the dialectical approach as a theoretical and methodological foundation for human development within non-formal educational spaces. Challenging the historical centralization of schools as the sole legitimate locus of knowledge production, it highlights the formative potential of popular practices developed in cultural collectives, community associations, and social movements. Such experiences, marked by conflict, resistance, and solidarity, constitute privileged spaces for the construction of knowledge and the strengthening of critical consciousness. Grounded in the principles of totality, historicity, and social contradictions, the dialectical perspective enables the understanding of education as a transformative social practice. Thinkers such as Freire, Gramsci, Marx, and Vygotsky offer key theoretical contributions, supporting the idea that educational processes must overcome technicist and instrumental logics by recognizing the central role of critical and transformative educational action. By breaking with the paradigm of pedagogical neutrality, the article affirms non-formal spaces as legitimate territories of learning, resistance, and human emancipation.

Keywords: Dialectics; Non-formal Education; human development; popular knowledge.

1 INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo da educação desafia-nos a repensar onde e como ocorre o processo formativo. Por muito tempo, a escola foi considerada o espaço legítimo da aprendizagem, enquanto práticas educativas desenvolvidas fora de seus muros eram desvalorizadas ou sequer reconhecidas como parte do campo da educação. Entretanto, os espaços não formais: associações comunitárias, coletivos culturais, sindicatos, grupos de mulheres, entre outros têm se mostrado ambientes férteis para a construção de saberes e o fortalecimento de identidades e vínculos sociais. Tais práticas, nascidas do cotidiano, carregam em si não apenas uma dimensão pedagógica, mas também política, uma vez que tensionam relações de poder, conhecimento e cultura.

Neste contexto, torna-se necessário refletir sobre a formação humana a partir de uma perspectiva que não se limite à reprodução de conteúdo, mas que favoreça a leitura crítica da realidade, a valorização dos saberes populares e a transformação das condições concretas de vida. É nesse ponto que a abordagem dialética se mostra particularmente potente, sendo entendida não como um método fechado ou meramente lógico, mas como um modo de compreender a realidade em sua totalidade, historicidade e contradições.

A dialética permite uma leitura dinâmica da prática social, rompendo visões

fragmentadas e fixas do conhecimento, e nos convida a pensar a formação como um processo contínuo, situado historicamente, permeado por conflitos e pela luta de classes.

A educação nos espaços não formais, quando pensada a partir da dialética, ganha novo significado, pois não se trata de levar o "conhecimento científico" a quem não o tem, mas de reconhecer a produção de saberes que emerge do trabalho, da resistência, das experiências coletivas, das narrativas de vida. É nesse diálogo entre saber popular e saber acadêmico, entre teoria e prática, que a dialética opera como chave de leitura e intervenção. Ao tomar os sujeitos como históricos e os contextos como contraditórios, ela desestabiliza o paradigma da neutralidade e recoloca a educação como prática política.

Autores como Paulo Freire, Antonio Gramsci, Karl Marx e Lev Vigotski, são referências fundamentais nesse percurso. Paulo Freire em sua pedagogia do oprimido, baseada no diálogo, na problematização e na consciência crítica, é profundamente enraizado em uma visão dialética do mundo; Freire nos ensina que educar é um ato de amor e coragem, que exige escuta atenta e compromisso ético com os excluídos. Os outros pensadores, como Gramsci, contribuem com a ideia de que todo espaço pode ser um campo de disputa pela hegemonia cultural, inclusive os espaços não formais. Marx, por sua vez, oferece a base filosófica para compreendermos a educação como parte das relações materiais e sociais, que não são naturais, mas historicamente construídas.

Esta reflexão torna-se ainda mais relevante diante da crescente invisibilização das práticas formativas populares e da tentativa de esvaziamento político da educação, em tempos da crescente onda neofascista. O modelo tecnicista, gerencial e padronizado, que ganha força em muitas políticas públicas, desconsidera os sujeitos concretos e seus territórios, reduzindo a educação a indicadores de desempenho e competências instrumentais. Contra essa lógica, é preciso afirmar que educar é também resistir, criar, reinventar caminhos, e que os espaços não formais são territórios legítimos dessa resistência.

Portanto, neste artigo propõe-se discutir a relevância da dialética como fundamento teórico-metodológico na formação em espaços não formais de educação. Trata-se de uma proposta que valoriza os saberes construídos no cotidiano, reconhece a potência das experiências populares e afirma a necessidade de uma educação comprometida com a emancipação humana. Ao quebrar paradigmas que colocam a escola como centro único do saber, busca-se ampliar o olhar para outras formas de aprender, ensinar e transformar o mundo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A educação, como prática social, está enraizada em determinações históricas, sociais e políticas. Compreendê-la a partir da dialética, especialmente em sua vertente marxista, significa assumir que os processos formativos estão atravessados por contradições e que os sujeitos educandos não são apenas receptores passivos do conhecimento, mas protagonistas ativos da sua própria formação. A dialética, nesse contexto, não é apenas um instrumento teórico, mas um método vivo de compreensão e transformação do real. Como afirma Kosik (1976, p. 29), "a dialética não é uma teoria do conhecimento, mas uma teoria da realidade que inclui e transforma o conhecimento".

A dialética, ao focar nas contradições que atravessam a vida social, nos permite compreender os espaços não formais como locais de intensa produção de saberes que dialogam com o contexto histórico e político. Não são espaços neutros, onde apenas se repassam informações; são ambientes pulsantes, onde a cultura, a política e a educação se entrelaçam e se reinventam. Eles desafiam diretamente o modelo tradicional de educação, que muitas vezes prioriza a padronização e a neutralidade aparente, e nos convidam a perceber a educação como um processo histórico, situado, marcado por tensões e conflitos.

Autores como Karl Marx e Friedrich Engels fundamentam essa visão ao defenderem que a consciência é produto das condições materiais de existência: "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência" (Marx; Engels, 2007, p. 47). Essa concepção materialista histórico-dialética fundamenta uma compreensão crítica da educação, na qual o conhecimento não é neutro, mas atravessado por disputas ideológicas. Marx (2011) já apontava que "os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo", revelando o compromisso prático do pensamento dialético.

A partir dessa concepção, a formação humana é vista como um processo dinâmico, coletivo e situado, que ultrapassa os limites da escola formal. Essa perspectiva adquire relevância especial nos espaços educativos não formais, onde se tecem relações educativas atravessadas por experiências, cultura popular e resistências cotidianas.

Paulo Freire é um dos principais expoentes dessa visão dialética da educação. Para ele, educar é um ato político e emancipador, fundamentado na articulação entre teoria e prática. Em sua obra "Pedagogia do Oprimido", afirma: "Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Freire, 2019, p. 68). Essa

afirmação sintetiza o caráter dialógico da prática educativa, na qual educador e educando aprendem em conjunto a partir da problematização da realidade. Em outro trecho, Freire (1996, p. 25) reforça que "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos", o que se alinha com a valorização dos saberes populares presentes nos espaços não formais.

Essa visão também é compartilhada por Antonio Gramsci, que ao defender o papel dos "intelectuais orgânicos" e a centralidade da cultura na formação da consciência de classe, ressalta que a educação é um espaço de disputa ideológica. Segundo Gramsci (2001, p. 15), "todo homem é um filósofo", indicando que todos produzem conhecimento, inclusive fora da escola, a partir de suas experiências concretas. Nos espaços não formais, essa disputa se manifesta de maneira intensa, já que estão fortemente enraizados nas lutas sociais, nas relações de solidariedade e na construção coletiva do saber.

A base filosófica marxista nos lembra que a educação está inserida nas relações de produção e poder. Não há neutralidade educativa em um sistema marcado pela desigualdade. Por isso, os espaços não formais assumem papel estratégico ao oferecerem alternativas onde a consciência crítica pode florescer, onde o conhecimento se constrói para romper com as estruturas que oprimem e excluem. Como afirmou Marx (2011, p. 25): "O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo social, político e espiritual da vida em geral."

O aporte teórico de Lev Vygotski contribui para essa compreensão ao enfatizar a dimensão social do conhecimento. Seu conceito de zona de desenvolvimento proximal destaca o papel da interação e da mediação na construção do saber, o que se alinha à visão dialética de educação como um processo situado e relacional. Para Vygotski (2000, p. 112), "o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar apenas quando o indivíduo está em interação com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus pares". Nos espaços não formais, essas interações se dão de maneira mais espontânea, mediadas por experiências comuns e pelo pertencimento à comunidade.

A educação não formal, por sua vez, é compreendida como um campo potente de formação humana, que rompe com os moldes tradicionais da escolarização e valoriza os saberes populares e as práticas de resistência. São territórios educativos vivos, onde o conhecimento emerge da vida, das relações de trabalho, das experiências culturais e da busca por direitos. Coletivos, movimentos sociais, oficinas, associações comunitárias e iniciativas autogestionárias são exemplos desses espaços onde se concretiza uma educação dialética, participativa e transformadora.

Como destaca Saviani (2008, p. 65), a dialética é o método que permite apreender a realidade em sua totalidade, considerando suas contradições como motores do movimento histórico. Aplicada à educação, essa abordagem permite superar a fragmentação do conhecimento e promover a formação de sujeitos críticos, conscientes de seu papel na transformação da sociedade. Saviani (1996) também aponta que “a educação é uma prática social que só pode ser compreendida em sua totalidade se forem consideradas as condições materiais concretas em que se insere”.

Assim, a educação em espaços não formais, quando fundamentada na dialética, assume o desafio de ser mais do que um complemento da escola: ela se afirma como campo autônomo de produção de saberes, formação de consciência e construção de projetos coletivos de vida. É nesse sentido que a dialética se consolida como fundamento epistemológico e metodológico para pensar uma educação comprometida com a transformação social, onde teoria e prática, conhecimento e experiência, estrutura e ação se entrelaçam em um movimento permanente de formação e emancipação humana.

3 METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa tem um caráter teórico-reflexivo, com base na abordagem qualitativa e fundamentação histórico-dialética. Não partimos de um experimento empírico, mas sim de uma inquietação: como a dialética pode ajudar a compreender os processos formativos que acontecem fora da escola? Foi essa pergunta que guiou a seleção e análise de textos clássicos e contemporâneos, com destaque para autores como Marx, Freire, Gramsci e Vygotski.

Utilizamos a análise bibliográfica como estratégia principal, mas com um olhar atento às contradições que atravessam os discursos e práticas educativas. A leitura foi feita em diálogo com situações reais vivenciadas em contextos comunitários, especialmente onde saberes populares ganham vida como em oficinas culturais, grupos de mulheres atuantes na fábrica de costura da associações comunitária. A intenção não é apresentar verdades absolutas, mas tensionar o pensamento sobre o que se entende por educação e formação humana.

O método dialético se expressa aqui não como um recurso técnico, mas como forma de pensar o mundo em movimento. Isso nos levou a buscar nas contradições entre saber e fazer, entre escola e comunidade, entre cultura erudita e popular os elementos que ajudam a interpretar a potência dos espaços não formais como territórios educativos.

Os resultados desta investigação, ainda que teóricos, emergem de uma escuta atenta às múltiplas vozes que ecoam nos espaços não formais de educação. Ao analisarmos os textos e experiências observadas em diferentes contextos comunitários, percebemos que a abordagem dialética não é apenas um referencial abstrato, mas se materializa nas práticas cotidianas de formação.

Em iniciativas autônomas como círculos de leitura, cooperativas de mulheres, hortas comunitárias ou oficinas de arte, encontramos indícios de uma pedagogia viva, atravessada por contradições, conflitos e, ao mesmo tempo, por potências formativas. A dialética aparece ali de forma concreta: entre o fazer e o refletir, entre a tradição e a reinvenção, entre a opressão e a resistência. É justamente nesse movimento que se manifesta o sentido formador desses espaços.

Notamos também que os sujeitos envolvidos nesses processos muitas vezes invisibilizados pelo sistema educacional tradicional se percebem como produtores de saber. Eles constroem conhecimentos a partir de suas realidades, o que confirma a afirmação de Freire (2019) de que "a educação verdadeira é aquela que se faz com os homens e não para os homens". Esse reconhecimento fortalece a identidade, amplia a autonomia e reforça a dimensão coletiva do aprender.

Ao nos debruçarmos sobre os achados, fica evidente que a abordagem dialética, quando aplicada aos espaços educativos não formais, oferece uma chave potente para compreender a formação humana em sua complexidade. Diferente da educação institucionalizada, marcada muitas vezes por currículos rígidos e relações verticais, os contextos não formais revelam dinâmicas mais flexíveis, abertas ao diálogo e à escuta ativa.

Gramsci (1991) já apontava que a cultura não é privilégio de uma elite, mas expressão viva das classes populares. Quando analisamos os processos formativos sob essa ótica, percebemos que há ali um embate constante entre saberes hegemônicos e saberes populares um campo fértil para a práxis educativa. E é justamente nesse campo que a dialética se consolida, pois não propõe neutralidade, mas sim posicionamento diante da realidade histórica e social.

Esses espaços não apenas educam eles politizam, organizam, resistem. São lugares onde a consciência de classe pode emergir, como afirmam Marx e Engels (2007), ao identificarem na prática cotidiana o ponto de partida da transformação. A formação, nesses contextos, não é um fim em si, mas parte de um processo maior de luta por dignidade, reconhecimento e justiça social.

Portanto, discutir a dialética nos espaços não formais de educação é, acima de tudo,

afirmar que educar não é adaptar, mas transformar; não é apenas ensinar, mas criar condições para que o outro se reconheça como sujeito histórico. Essa perspectiva amplia o papel da educação e reforça a necessidade de políticas públicas que valorizem e apoiem esses territórios de saber.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas, compreende-se que a dialética, enquanto princípio epistemológico e metodológico, oferece uma chave de leitura crítica para a educação ao reconhecê-la como prática historicamente situada e socialmente construída. Essa abordagem rompe com concepções neutras ou tecnicistas do ensino, ao afirmar que os processos educativos estão atravessados por relações de poder, cultura e resistência.

Nesse sentido, a educação ultrapassa os limites institucionais e passa a ser entendida como um espaço vivo de troca, mediação e produção coletiva do saber, em que os sujeitos atuam não apenas como receptores de conteúdos, mas como agentes ativos na construção de sentidos e na transformação de suas realidades. Valorizar os saberes cotidianos, as experiências locais e a escuta dialógica torna-se, portanto, essencial para afirmar identidades, fortalecer vínculos comunitários e potencializar práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social.

A perspectiva dialética mostrou-se essencial para compreender os movimentos contraditórios presentes nas relações pedagógicas vivenciadas nesses espaços. Ao considerar a historicidade, a coletividade e o papel ativo dos sujeitos no processo educativo, ela rompe com concepções instrucionistas e reforça a necessidade de uma educação crítica, voltada para a transformação social.

Os sujeitos envolvidos nos espaços não formais muitas vezes excluídos das políticas públicas tradicionais constroem, por meio de suas práticas, uma pedagogia do cotidiano, pautada na escuta, na experiência e na ação. Essa pedagogia não formaliza o conhecimento segundo moldes convencionais, mas o reinventa a partir das vivências e necessidades concretas das comunidades.

Dessa forma, a dialética não se apresenta apenas como um método de análise, mas como um princípio educativo que orienta a ação consciente, crítica e coletiva. Reconhecer sua relevância é afirmar a potência política da educação não formal na construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- KOSÍK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social: o trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1978.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: Polêmicas do nosso tempo**. 41. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.